



Padre Aníbal Castelhanos

NATAL: Celebrar a Vida, a Família, a Caridade

Natal - uma palavra que milhões de bocas repetem, nesta altura, nas mais diferentes línguas. Uma das Festas mais marcantes do ano, por tudo o que a envolve e por tudo o que significa.

Natal é um apelo à descoberta da Vida. Perdemos-nos na correria das compras, no meio das árvores de natal, das luzes, das prendas, da família, dos amigos, enfim, no meio da multidão das coisas e das pessoas e passa-nos desapercebida a Festa a um Deus que se faz Homem por nós, num magnífico gesto de amor e salvação.

Não pretendemos lembrar ou celebrar apenas símbolos, mas uma pessoa muito concreta que se chama Jesus.

O Natal é a celebração do nascimento de Jesus, o Filho de Deus feito Homem, o Salvador do mundo. Celebramos o Príncipe da Justiça e da Paz.

Celebrar o Natal é celebrar a Vida. No meio do mundo em que o desrespeito pela vida é constante, o Natal surge como um grande SJM à VIDA, sim este que deveria ser repetido como um verdadeiro grito, por todas as pessoas de boa vontade.

Este mundo precisa de reconsiderar e perceber que a morte da criança ou do adulto a nada leva. Não se fica mais livre ou mais rico, ou mais seguro, pelo contrário, perde-se tudo e, sobretudo, perde-se a paz e a alegria.

O que dá sentido e gosto à vida humana é o espírito de fraternidade que brota do Deus que veio habitar no meio de nós. S. Paulo expressa-o assim: "Vede que amor o Pai nos consagrou em nos chamarmos seus filhos e como-lo de facto".

Esta é a primeira e a grande mensagem de Natal: Deus é Pai e nós somos todos irmãos, em Cristo Jesus.

Mas o Natal é também apelo à unidade e vivência familiar.

Nesta correria em que o tempo não chega sequer para o necessário, quantas vezes a família é deixada para trás.

Já é uma tradição reunir a família nesta ocasião. É um bom hábito, pois permite estreitar os laços entre todos e tomar consciência de que o encontro é necessário para reforçar a unidade e dar mais consistência à relação familiar.

Mas é também e sobretudo no espaço da família que tem lugar a distribuição de prendas, em ritual a que preside cada vez mais o pai natal. Temos que reconhecer que as

prendas e o pai natal fizeram esquecer, ou pelo menos passaram a segundo plano a figura principal: Jesus.

Sem quereremos ficar a condenar o despesismo tão em uso nesta quadra, entendemos, no entanto, que a melhor prenda que deveria entrar em todas as casas é a paz, a alegria e o amor.

O Natal é também um convite à solidariedade e à partilha. É uma época propícia a lembrar os pobres. São muitos os cabazes de natal que se distribuem, bem como os jantares oferecidos aos pobres.

Reconhecemos que são bons e nobres estes gestos solidários. Todavia eles não se podem cingir apenas a esta quadra; têm que abranger todo o ano, porque os pobres também têm de comer todos os dias.

Toda a gente é sensível à solidariedade, mas mais do que isso é necessário descobrir a Caridade. O que fazemos não é por mera humanismo, é pela fé que nos liga a Deus e pelo amor que nos marca e nos impede a tratar a todos como irmãos.

Natal é de verdade o grande encontro de Deus com os homens e o encontro dos homens com Deus - um encontro marcado definitivamente pelo Amor de Deus, como ainda recentemente nos lembrou Bento XVI.

A caridade que nasce do Natal - é preciso dizê-lo com clareza - é a caridade de Deus.



Onde se joga com estruturas, grupos ...e o Natal de Deus

Há três maneiras de manter uma estrutura (por exemplo, um grupo sociocaritativo) de pé. Em boa verdade, há quatro maneiras; mas uma, a colombiana, não conta, pois é aquela com que o Cristóvão Colombo pôs o ovo em pé: partindo-o! Seria o modo como o Hitler ou o Salazar mantiveram governos em pé! Não conta, portanto.

As três maneiras são: o alicerçe, a escora, e a base densa. Chamo base densa, como lhe poderia chamar pé-de-chumbo, ou simplesmente sempre-em-pé. É aquele sistema que têm os bonecos do feitiço do ovo, ou as primeiras canecas dos bebês: têm uma massa muito mais densa no fundo e um feitiço que se adapta a essa massa, de tal modo que mesmo que a gente as incline até ao chão, assim que as largamos elas voltam à posição de pé! Há muita estrutura (grupo) que usa este sistema de sobrevivência: um animador forte, muito forte: por mais ventos que venham, por mais pessoas que mudem, por mais ataques que sofra, ele volta a reconstruir triunfalmente. Afinal, a estrutura é basicamente ele, mais uns apêndices. Mas resulta... embora só até ao dia em que ele se vai embora. Então, tudo ruí!

Quanto às escoras, toda a gente compreende. São aqueles suportes que se põe de um lado e do outro das estruturas, por exemplo nos prédios velhos ou nas árvores muito novas, para elas se manterem em pé, direitas. Também se pode usar um guindaste, segurando a estrutura por cima, o que, no fim de contas, não deixa de ser uma escora também... Há muitas escoras: reuniões a que se não formos, parece mal...; subsídios económicos...; a necessidade de sairmos de casa...; pequenos jogos de poder...; etc. As escoras não são coisas absolutamente inúteis. Pelo contrário, podem ser absolutamente necessárias, mas são sempre provisórias: no prédio, enquanto se fazem obras de recuperação; na árvore, enquanto ela entronca e aprofunda raízes. De contrário, as escoras deixam de ser ajuda e tornam-se estorvo. E o prédio acaba por cair na mesma.

A outra forma de manter uma estrutura de pé é a fundamental, isto é, aquela que assenta em fundamentos, em alicerces sólidos, profundos e firmes. Ou as raízes, na árvore... Esta é a forma pela qual um grupo sociocaritativo, ou outro grupo qualquer, se mantém em razão dos valores que vive, das crenças de que se alimenta, das causas por que luta. Para um grupo sociocaritativo, a rocha firme onde se alicerça é o amor de Deus pelos mais pobres, mediado pela Igreja. Todavia, ainda não basta estar assente na rocha firme para garantir que a estrutura se mantém de pé. A verdade é que há sempre tremores de terra! E quando há tremores de terra, quanto mais dura for a colagem da estrutura à rocha, mais depressa o prédio ruí. Por isso os engenheiros aplicam técnicas de flexibilidade, que permita aos prédios sofrer fortes abanões sem ruírem...

A encarnação de Deus (o Natal) é a introdução desta flexibilidade de Deus na história dos homens. Para não irmos mais longe, basta vermos a diferença entre as igrejas cristãs e as igrejas fundamentalistas! E basta ver como todas as tentativas de fundamentalismo no interior das igrejas cristãs fracassaram. O Natal é a lição da construção que assenta em Deus e no Seu amor por nós, mas que depois se faz toda com massa humana, a partir dos critérios vividos por Jesus de Nazaré: com discussões mais ou menos acaloradas, mas sempre fraternas, com projectos mais ou menos consistentes, mas sempre ardentes, com visões da História mais ou menos gloriosas, mas sempre salvíficas. Celebrar o Natal é vivermos esta fundação e esta flexibilidade; e é levar as mesmas ao mundo inteiro. Ou não está à vista a sua urgência?!

Agora, voltando ao ponto de partida, poderíamos começar mesmo pelo nosso grupo sociocaritativo...

NEVES

A Cáritas deseja-vos feliz Natal

O tempo do voluntariado

✍ Carlos Joaquim

Em 1985 a Organização das Nações Unidas declarou o dia 5 de Dezembro como Dia Internacional do Voluntário e em 2001 celebrou mesmo um Ano Internacional do Voluntário.

Donde advém e o que implica esta importância dada hoje ao voluntariado?

A primeira constatação é de ordem histórica: na década de 50, 60 ou início de 70, ninguém falava em voluntariado. Falava-se, e muito, em revolução, em ideologia, em opção pelos mais pobres, em justiça social, em desenvolvimento e progresso, em estruturas... Quase tudo palavras que hoje até temos medo de pronunciar em público! Dois fenómenos, todavia, mudaram isto tudo: as sucessivas crises da economia mundial a partir dos anos 70 e o fim das ideologias, onde se inscreve a queda do bloco de leste. O fim das ideologias levou a recenrar a atenção no indivíduo como actor social e a esquecer as estruturas; as crises económicas levaram ao triunfo da competitividade como critério da economia, sabendo que onde há competição (e logo tão agressiva!) há derrotados, gente que apenas sobreviverá de subsídios estatais e da boa-vontade de alguns. Isto é, num curto espaço de tempo, o terreno tornou-se todo propício à vitória do voluntariado como o grande valor moral do fim do século XX e início do século XXI (não fosse o seu Ano Internacional exactamente 2001!), porque responde a estes dois critérios de "indivíduo" e de "boa-vontade para com os mais fracos".

Esta introdução serve-nos também de prevenção. Este é o nosso tempo e estes são os valores que o enquadram. Mas todos os tempos são contraditórios e todos os valores são manipuláveis. Para o nosso tempo, o voluntariado apresenta-se como um valor fundamental, como já passaremos a referir; mas exercido acriticamente pode ser manipulado para a *impunidade dos maus!*

Posta esta nota de prevenção, é importante sublinhar três grandes valores associados ao voluntariado, a que acrescentaremos uma palavra sobre efeitos colaterais...

O primeiro valor positivo do voluntariado, talvez mesmo o maior, é a recriação das relações interpessoais em termos de um eu-tu, de um pessoa-a-pessoa, de um

olhos-nos-olhos. O indivíduo só se torna verdadeiramente pessoa em relação com outras pessoas.

Ora o nosso tempo é extremamente impessoal, um tempo onde as relações são prevalentemente mediadas (atravessadas ao meio) pela máquina, pelo jurídico, pela moeda. A palavra (de honra!) deixou de valer, para valer a letra da lei; o caixa do banco é agora uma máquina que nos manda carregar em botões; o indivíduo até pode falar muito na net, mas nem o seu nome assume; nos contratos matrimoniais (!) começam já a valer mais as preocupações com a divisão dos bens em caso de divórcio, do que as preocupações com a construção de uma felicidade comum. Neste contexto, o voluntariado repõe as pessoas frente a frente, numa relação de diálogo, de ajuda mútua, de lugar para a confiança no outro e para a esperança no futuro. É por isso que não se pode ser voluntário de brincadeira. Quando tu vais uma semana visitar um doente, e voltas na semana a seguir..., crias nele uma nova alma, alimentada pelo teu amor, pela consideração que tens por ele, pela esperança que lhe incutes, pela humanização que lhe permites. Se logo depois faltas, porque não te apetece, porque está a chover, por causa de outra qualquer banalidade, destróis tudo isso que estava a ser reconstruído, e destróis com muita dor, muita desilusão... Ser voluntário cria esta responsabilidade pelo outro. Ser voluntário é sempre uma recriação da relação, pela qual o outro e eu nos tornamos mais pessoas.

Um segundo valor é o da auto-recriação da própria pessoa do voluntário. Ser voluntário é crescer continuamente como pessoa. O próprio termo voluntário faz apelo a um dos elementos essenciais da maturidade pessoal: a autonomia da vontade. Sou voluntário, quando faço algo pela minha vontade própria e de algum modo gratuita. Mas não é uma vontade cega, uma vontade para o disparate. Se fosse apenas a vontade que estivesse em causa, também os terroristas suicidas seriam voluntários, oferecem-se para morrer matando muitos outros! Quando falamos de voluntariado não falamos só da vontade, mas também do exercício da inteligência para escolher o que se é capaz de fazer, o que se deve

fazer, como se deve fazer. E falamos também do apuramento da sensibilidade, do gosto por tornar a vida bela, do ser capaz de sofrer com o outro e se alegrar com o outro sem deixar de ter as suas próprias alegrias e tristezas. Ser voluntário é questionar-se todos os dias; sensibilizar-se todos os dias; decidir todos os dias; amadurecer todos os dias!

Além disso o voluntariado recria as relações sociais e laborais. Na ordem do social não é só o trabalho feito, contabilizável, que está em causa. Esse é importante, mas para além dele há muito mais de recriação da sociedade. É, por exemplo, um campo de intervenção para os reformados ainda novos, permitindo uma maior riqueza da vida social e uma melhor qualidade de vida e de saúde destes voluntários; é um campo extraordinário de aprendizagem de valores alternativos para os jovens. Quando exercido no interior de uma instituição, o voluntariado torna-se aí motivo para a reconstrução das relações pessoais e laborais: o voluntário fica sujeito a um código de conduta que implica sobretudo a aprendizagem e a prática de uma relação de deveres num meio marcado prevalentemente pela luta por direitos. Desses deveres consta a fidelidade ao compromisso livremente assumido, a qualidade do trabalho feito, o bom nome da Instituição, a discricção, o bom senso, o trabalho em equipa com profissionais, etc. É uma prática de voluntariado pessoal que introduz um espírito de voluntariado institucional junto dos próprios profissionais e aí permanece como desafio e confronto permanente.

Finalmente, temos os "efeitos colaterais", isto é, os resultados que não se procuram imediatamente com o exercício do voluntariado, mas que dele resultam. Destes efeitos, já chamámos a atenção para um potencialmente negativo, que é o de meter uma espécie de toalha cor-de-rosa sobre uma realidade que precisa de ser mostrada e denunciada. Dos efeitos positivos resulta um maior enriquecimento global da sociedade e do próprio voluntário: da sociedade, porque é enriquecida com saberes e fazeres múltiplos, que de outro modo se perderiam; do voluntário, porque se dá a conhecer e assim se torna reconhecido, desejado, e até beneficiado.

Cáritas Espanhola denuncia violência sobre os sem-abrigo



foto do canal do Dia dos Sem-abrigo

O dia 17 de Outubro, dia mundial para a erradicação da pobreza, é também assumido como dia mundial dos sem-abrigo. Todavia, a Cáritas Espanhola tem feito uma forte campanha para promover o dia 12 de Novembro como Dia dos sem-abrigo, que na Europa serão 3 milhões e em

Espanha cerca de 30.000. A celebração do dia 12 de Novembro de 2006 sob um lema amplo - "*Sem-abrigo, sem direitos. Hoje também durmo na rua. A sociedade falto eu*" - serviu, entre outras iniciativas, para a Cáritas espanhola, em conjunto com outras organizações sociais, denunciar

algumas formas de violência sobre os sem-abrigo, nomeadamente:

- * a exercida pela própria sociedade, que tende a criminalizar a miséria, a culpar os excluídos e a estigmatizá-los.

- * a exercida pelos Estados quando não garantem o acesso dos sem-abrigo aos direitos sociais básicos, como casa, educação, emprego, segurança social.

- * a exercida por um crescente número de autarquias/autarcas que têm vindo a estabelecer medidas que geram exclusão e marginalização dos sem-abrigo, penalizando os mesmos e criando um clima de maior estigmatização e criminalização.

- * a exercida pelos meios de comunicação social, sobretudo através de determinadas estratégias informativas, quando se referem a esta população com termos conotados negativamente e passam só informação relativa a acontecimentos violentos e mórbidos.

Melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas



No dia 4 de Dezembro realizou-se, na sede da Cáritas, mais um curso sobre a melhoria da "**qualidade de vida do idoso**", destinado a todas as pessoas que trabalham e lidam com esta população. Em sala estiveram 30 participantes das mais variadas instituições/comunidades da diocese de Coimbra.

O dia decorreu como previsto, a Dr^a Joana Rosado (fisioterapeuta do Centro Rainha Santa Isabel) alertou-nos para o problema que o sedentarismo provoca em termos de saúde

física e psíquica e apresentou-nos algumas propostas para fazer face a isso.

Da parte da tarde, a Enf. Anabela Corino, para além das questões técnicas dos cuidados básicos a ter com os idosos, deixou-nos ainda uma grande mensagem: para cuidar é necessário amar.

Os participantes avaliaram o dia como muito positivo e solicitaram mais encontros deste género.

Rute Pires
e Sandra Gomes

ENCONTRO DE ANIMADORES DE GRUPOS DE ACÇÃO SOCIAL

"És precioso a meus olhos!"

Decorreu em Coimbra, na sede da Cáritas, no dia 28 de Novembro, o Encontro diocesano dos Animadores dos grupos comunitários de acção social e caritativa, com cerca de 80 participantes, sob o tema "vocação cristã e caridade".

O Pe Luís Miranda, que orientou a reflexão, partiu da constatação de Isaías de que todo o ser humano é querido por Deus, "precioso aos seus olhos". É uma afirmação que "desconcerta a nossa inteligência e comove o nosso coração", a ponto

de nos obrigar a interrogar sobre o "porquê" e o "para quê" deste amor de Deus.

É na resposta a estas duas questões que se coloca a vocação cristã, que pode ser traduzida, para todos nós, como o apelo à "santidade", enquanto procura da fé e resposta na vida quotidiana. Só que, no entender do Pe Luís Miranda, prevalece no nosso tempo uma cultura da distração, do entretenimento, mesmo do medo e da incapacidade para fazer opções duradouras, se quisermos,

uma cultura de ambiguidades e meias verdades, onde "ninguém quer ser aquilo que realmente é". Então, como ser santos numa cultura com estas características indeléveis? Responde ainda o Pe Luís Miranda: "através da caridade, através do amor"! Uma caridade à medida do enunciado de S. Paulo, no célebre hino da sua 1ª carta aos coríntios, que "tudo desculpa, tudo crê, tudo suporta, tudo perdoa". Uma caridade em que o outro não é descartável, mas é imagem de Deus ao qual nos damos totalmente.

Os participantes foram depois convidados a reflectir em pequenos grupos sobre as questões que se levantam a partir destas ideias, tendo basicamente manifestado a sua vontade de caminharem e ajudarem os grupos a caminhar no crescimento duma verdadeira caridade, capaz de responder com amor total aos problemas do nosso tempo.

A terminar, o Pe Luís Miranda deixou um enunciado de 7 pontos/desafios para transformar a vocação cristã em verdadeira caridade: a

santidade; a humildade e a oração; a profundidade, como condição de organização e comunhão; a capacidade para dialogar; a esperança, olhando as pessoas e a realidade com os olhos largos de Deus; o comportamento dos grupos a caminhar no crescimento do samaritano, nas atitudes de ternura, misericórdia e compaixão; o anúncio do Evangelho "da alegria e da beleza".

De entre os participantes foram muitos os testemunhos de apreço por este encontro, pela temática e pelo orador.



A Apresentação

*Então levaram o menino ao templo.
Melhor, era Maria, a judia imaculada, quem
realmente o levava,
aconchegadinho ao colo,
tão perto quanto possível
do coração!*

*O menino era tão lindo como todos os meninos
do mundo.
Os velhos com coração de menino paravam
e diziam coisas do seu futuro, como fazem
todos os velhos simpáticos do mundo.
Alguns diziam o indizível:
uns vendo mais as estrelas,
outros as tempestades,
sabendo que o futuro ambas terá.*

*E a jovem judia meditava,
como fazem todas as mães jovens
quando pensam nos insondáveis do porvir.*

*Apenas o pai está fora deste texto. Nervosamente,
reconta pela vigésima vez as parcas moedas poupadas
dos dois últimos meses de trabalho.
E faz contas à vida: "Um filho! Sempre são encargos novos
a somar aos antigos..."
Ah! Como quisera dar a Deus o mundo inteiro.
Ou ao menos a ovelha estipulada para os ricos!
Mas o realismo da pobreza impõe-se: - José, darás apenas
as duas pombas estipuladas para os pobres,
porque tu és pobre.*

C. N.

O tempo e a figura

O tempo do Advento é marcado pela figura de uma mulher, Maria, a quem um dia aconteceu algo de socialmente muito grave: apareceu grávida, ao que parece não sendo casada. De qualquer maneira, parece indiscutível (porque na época foi muito discutido!) que o noivo ou marido que fosse não seria o pai da criança. Na sociedade em que vivia, isso dava direito a ser condenada a uma bárbara morte, curiosamente em nome de Deus! A gente depois veio a saber que havia ali a mão de Deus no assunto. Certamente que ela também o sabia. Mas ninguém mais! Uma gravidez nestas circunstâncias tornou-se uma coisa tão dura de levar que muita boa gente diz que Maria não foi visitar a sua prima Isabel por outra razão que não aquela mesma de ir para uma terra distante, onde não fosse conhecida, pressionada por uma barriga que crescia todos os dias à vista de todos. Para defesa da sua vida e da vida do seu filho! A vida, também neste tempo, a nossa e a dos filhos, mesmo que ainda estejam no ventre, é sempre um valor a defender.

Eugénio Fonseca Voluntariado Hospitalar

O Presidente da Cáritas Portuguesa (e também da Direcção da Cáritas Diocesana de Setúbal), Dr. Eugénio Fonseca, foi submetido, no final de Novembro e início de Dezembro, a duas intervenções cirúrgicas que se revestem de algum cuidado, estando agora em fase de restabelecimento que se prevê relativamente prolongada.

A Cáritas Diocesana de Coimbra, que ao longo de muitos anos se habituou a ver no Dr. Eugénio Fonseca um amigo e um companheiro dedicado de trabalho, expressa-lhe os desejos de rápidas melhoras, com votos de um santo natal para si, para a sua família e para as instituições a que se encontra ligado.

Voluntariado Hospitalar

A Cáritas Diocesana de Coimbra vai promover mais um Curso para voluntários hospitalares, a decorrer de 19 a 22 de Março, nas instalações desta instituição, em Coimbra. Mais especificamente, este Curso tem como objectivo a formação de novos voluntários para o Voluntariado nos Hospitais da Universidade de Coimbra (H.U.C.).

As inscrições, e outros pedidos de informação, podem ser feitas junto da Cáritas de Coimbra.

Recordamos que este serviço de voluntariado está presente diariamente (2 horas/dia) em treze serviços daquele Hospital.



Um telefone amigo

Na angústia, na solidão, no desespero, ligue 239 72 10 10, o SOS - Telefone Amigo



239 72 10 10

Pausa

Uma história quase de Natal

O Pe. Vítor conta esta história... quase de natal (diz que verdadeira). Na noite de Natal, um sem-abrigo da cidade recebe a visita solidária de um grupo de voluntários que lhe levou 2 cobertores. O homem agradeceu, cortesmente. Nem meia hora volvida, chegou um novo grupo, este ligado ao Centro de Solidariedade Social, com uma lancheira com as batatas e o bacalhau. O homem agradeceu com sinceridade, não só pela tradição, mas também porque era uma refeição quente. Aí cerca de 1 hora depois chegou um terceiro grupo de voluntários, este com bolo-rei e vinho do porto. O homem agradeceu uma vez mais, e acrescentou com entusiasmo: "para a noite ser perfeita, só falta que o próximo grupo me traga... uma mulher!".

A história acaba aqui, e cada um tira a moral que quiser. Mas eu investiguei um pouco mais e descobri que afinal não apareceu mais nenhum grupo naquela noite. Moral da minha investigação: muitas pequenas caridades juntas não fazem uma caridade grande!

Outra história quase de Natal

Um tal senhor José Coimbra diz numa rádio, muitas vezes ao dia, que o que o faz feliz na sua noite de natal é não ser rena para não ter que puxar o trenó! Outro senhor, um tal Paulo Fragoso, diz que, no seu caso, o que o faz feliz é não ficar preso na chaminé! E outros, na mesma rádio, dizem outras coisas similares. Só que estes senhores não são uns locutores quaisquer, nem a rádio é uma rádio qualquer. A rádio é o canal da Renascença para quadros técnicos médios e superiores (a RFM) e José Coimbra e Paulo Fragoso são dos principais pivots desta estação. Eles até podem legitimamente pensar isso e dizê-lo. O problema não é (só) o texto, mas o contexto: se é possível que os principais locutores de uma das principais estações de rádio do país, conotada com uma das principais instituições do país - a Igreja católica - digam o que está dito para ser publicitado dezenas de vezes ao dia como garantia de qualidade dos locutores da estação, é legítimo perguntar: somos todos tão infantis assim?

Pessoas de bem

Não sei o que se passa noutros campos, mas na Igreja é muito comum que um grupo de pessoas, por solicitação de um superior ou com o seu conhecimento interessado, se reúna ao longo de vários encontros a reflectir sobre determinado problema, em relação ao qual acaba por apresentar uma proposta a quem tem poder de decisão... e depois ficar sem nenhuma resposta: nem sim, nem não, nem assim-assim, enfim: nada.

Alguém, apanhado num grupo destes, dizia: "apesar de tudo, somos pessoas de bem. Só por isso, penso, este grupo mereceria uma resposta".

Quando se acumulam as experiências sucessivas de inutilidade do trabalho feito, a gente acaba por desacreditar do seu valor, e acabamos a ver telenovelas. Quem tem poder para decidir e responder, que reflecta!

A propósito, pela mão de Almeida Santos, no congresso do seu partido, registamos uma velha máxima citada de Hamilton Werneck: "quem decide pode errar; quem não decide já errou".

NEVES

Cáritas 2006

Água, fonte de vida, património da humanidade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - n.º 346

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.

Mensagem para a 93ª Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado (14 de Janeiro)

A família migrante

Caros irmãos e irmãs!

Por ocasião do próximo Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, olhando para a Sagrada Família de Nazaré, ícone de todas as famílias, gostaria de vos convidar a reflectir sobre a condição da família migrante. O evangelista Mateus narra que, pouco tempo depois do nascimento de Jesus, José foi obrigado a partir de noite para o Egipto levando consigo o menino e sua mãe, para fugir à perseguição do rei Herodes (cf. Mt 2, 13-15). Comentando esta página evangélica, o meu venerado Predecessor, o Servo de Deus Papa Pio XII, escreveu em 1952: «A família de Nazaré no exílio, Jesus, Maria e José

Entre vemos as dificuldades de cada família migrante, as privações, as humilhações, as limitações e a fragilidade de milhões e milhões de migrantes, prófugos e refugiados.

emigrantes no Egipto e lá refugiados para se subtraírem à ira de um impio rei, são o modelo, o exemplo ou apoio para todos os prófugos de qualquer condição que, ameaçados pela perseguição ou pelas necessidades, se vêem obrigados a abandonar a pátria, os queridos parentes, os vizinhos, o afecto dos amigos, e a deslocar-se para terras estrangeiras» (Exsul família, AAS 44, 1952, 649). No drama da Família de Nazaré, obrigada a refugiar-se no Egipto, vemos a dolorosa condição de todos os migrantes, especialmente dos refugiados, dos exilados, dos deslocados, dos prófugos, dos perseguidos. Entre vemos as dificuldades de cada família migrante, as privações, as humilhações, as limitações e a fragilidade de milhões e milhões de migrantes, prófugos e refugiados. A Família de Nazaré reflecte a imagem de Deus conservada no coração de cada família humana, mesmo se desfigurada e debilitada pela emigração.

O tema do próximo Dia Mundial do Migrante e do Refugiado – A família migrante – coloca-se em continuidade com os de 1980, 1986 e 1993, e pretende realçar ulteriormente o compromisso da Igreja a favor não só do indivíduo migrante, mas também da sua família, lugar e recurso da cultura da vida e factor de integração de valores. São tantas as dificuldades que a família do migrante encontra. O facto de estar longe dos seus familiares e a impossibilidade de se reunirem, muitas vezes são ocasião de ruptura dos vínculos originários. Instauram-se relações novas e nascem novos afectos; esquecem-se do passado e dos próprios deveres, que são provados duramente pela distância e pela solidão. Se não se garante à família emigrada uma real possibilidade de inserção e de participação, é difícil

prever o seu desenvolvimento harmonioso. A Convenção Internacional para a protecção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias, que entrou em vigor a 1 de Julho de 2003, pretende tutelar os trabalhadores migrantes, homens e mulheres, e os membros das respectivas famílias. É reconhecido o valor da família também no que diz respeito à emigração, fenómeno que já se tornou estrutura das nossas sociedades. A Igreja encoraja a ratificação dos instrumentos internacionais legais destinados a defender os direitos dos migrantes, dos refugiados e das suas famílias, e oferece, em várias das suas Instituições e Associações, aquela *advocacy* que se torna cada vez mais necessária. Foram abertos, para esta finalidade, centros de apoio aos emigrantes, casas para os acolher, escritórios para serviços às pessoas e às famílias, e foram animadas outras iniciativas para responder às crescentes exigências neste campo.

Já se está a fazer muito pela integração das famílias dos imigrados, mesmo se ainda há muito para fazer. Existem dificuldades efectivas relacionadas com alguns «mecanismos de defesa» da primeira geração emigrada, que correm o risco de constituir um impedimento para uma ulterior maturação dos jovens da segunda geração. Eis por que se torna necessário predispor intervenções legislativas, jurídicas e sociais para facilitar tal integração. Nos últimos tempos aumentou o número das mulheres que deixam o próprio País de

Não são poucas as mulheres que se tornam vítimas do tráfico de seres humanos e da prostituição.

origem em busca de melhores condições de vida, em vista de perspectivas profissionais mais prometedoras. Mas não são poucas as mulheres que se tornam vítimas do tráfico de seres humanos e da prostituição. Quando as famílias se voltam a reunir, as assistentes sociais, sobretudo as religiosas, podem prestar um serviço de mediação apreciado e que merece ser cada vez mais valorizado.

Em tema de integração das famílias dos imigrantes, sinto o dever de chamar a atenção para as famílias dos refugiados, cujas condições parecem piorar em relação ao passado, também no que se refere precisamente à reunificação dos núcleos familiares. Nos "campos" que lhes são destinados, às dificuldades de alojamento e das pessoas, relacionadas com os traumas e com o stress emocional devido às trágicas experiências vividas, por vezes junta-se até o risco do envolvimento de mulheres e crianças na exploração sexual, como mecanismo de sobrevivência. Nestes casos é necessária uma atenta presença pastoral que, além da assistência capaz de aliviar as feridas do coração, ofereça um

apoio da parte da comunidade cristã capaz de restaurar a cultura do respeito e de fazer redescobrir o verdadeiro valor do amor. É necessário encorajar quem está interiormente destruído a recuperar a confiança em si mesmo. Depois, é necessário comprometer-se para que sejam garantidos os direitos e a dignidade das famílias e lhes seja garantido um alojamento correspondente às suas exigências. Dos refugiados deve-se pretender que cultivem uma atitude aberta e positiva em relação à sociedade que os acolhe, mantendo uma disponibilidade activa às propostas de participação para construir juntos uma comunidade integrada, que seja «casa comum» de todos.

Entre os emigrantes há uma categoria que deve ser considerada de modo especial: é a dos estudantes que se encontram distantes de casa.

Entre os emigrantes há uma categoria que deve ser considerada de modo especial: é a dos estudantes de outros Países, que se encontram distantes de casa, sem um adequado conhecimento da língua, por vezes sem amizades e muitas vezes com uma bolsa de estudos insuficiente. Toma-se ainda mais grave a sua condição quando se trata de estudantes casados. Com as suas Instituições a Igreja esforça-se por tornar menos dolorosa a falta do apoio familiar destes jovens estudantes, e ajuda-os a integrar-se nas cidades que os acolhem, pondo-os em contacto com famílias prontas a hospedá-los e a facilitar o seu recíproco conhecimento. Como tive a oportunidade de dizer noutra ocasião, ajudar os estudantes estrangeiros é «um importante campo de acção pastoral. De facto, os jovens que deixam o seu País por motivos de estudo vão ao encontro de não poucos problemas e sobretudo correm o risco de uma crise de identidade» (15 de Dezembro de 2005).

Caros irmãos e irmãs, que o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado se torne uma ocasião propícia para sensibilizar as comunidades eclesiais e a opinião pública para as necessidades e os problemas, assim como para as potencialidades positivas, das famílias migrantes. Dirijo de modo especial o meu pensamento a quantos estão directamente relacionados com o vasto fenómeno da migração, e a quantos empregam as suas energias pastorais ao serviço da mobilidade humana. As palavras do apóstolo Paulo «caritas Christi urget nos» (2 Cor 5, 14) os estimule a comprometerem-se preferencialmente pelos irmãos e irmãs que têm mais necessidade. Com estes sentimentos, invoco sobre cada um de vós a assistência divina e a todos concedo com afecto uma especial Bênção Apostólica.

Bento XVI